



Italia-America Latina:  
insieme verso il futuro  
III CONFERENZA NAZIONALE  
ITALIA-AMERICA LATINA E CARAIBI



Istituto Italo-Latino Americano



Ministero degli Affari Esteri

**CeSPI**  
Centro Studi di Politica Internazionale

**III Conferenza Nazionale Italia - America Latina e Caraibi**  
**Roma, 16 – 17 ottobre 2007**  
**Ministero degli Affari Esteri - Sala delle Conferenze Internazionali**

***João Cravinho*** (\*)

*Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, Portugal*

Muito obrigado. Senhor Presidente Enrique Iglesias, Excelências, distintos participantes,

Eu queria começar naturalmente por agradecer, em nome do Governo português, o convite que nos foi dirigido pelo Governo italiano para participar nesta importante conferência. Para nós, esta participação é particularmente oportuna, não só porque Portugal tem um relacionamento particular com a América Latina por razões históricas, por razões linguísticas, por razões também muito contemporâneas, tanto com o Brasil como com os outros Países da América Latina, no contexto das cimeiras ibero-americanas, mas também porque temos neste momento a responsabilidade da Presidência da União Europeia.

***(\*) Texto transcrito da gravação (não revisto pelo autor)***

Ora, este exercício da Presidência da União Europeia obriga-nos a reflectir um pouco sobre o lastro da história do relacionamento da Europa com o mundo, e igualmente sobre os desafios contemporâneos, e como adequar as nossas políticas contemporâneas às oportunidades que a história nos oferece. Com efeito, há uma teia de relacionamentos multilaterais complexos que ao longo dos anos se estabeleceu entre a Europa e os outros continentes, que é a teia das ligações geradas pelos relacionamentos bilaterais, e aquela que foi gerada pelo relacionamento bi-regional, ou ainda a um nível multilateral mais amplo.

Ora, esta complexidade constitui um desafio que não é fácil de gerir, mas ao mesmo tempo origina oportunidades de estabelecimento de iniciativas de colaboração que não devem ser desvalorizadas. No mundo multilateral contemporâneo, a complexidade não deve ser vista como um factor de inoperância. Antes pelo contrario, deve ser um factor de incremento nas dinâmicas positivas dos vários relacionamentos. No entanto é importante, num momento em que essa densa teia de relações se torna ainda mais intensa, com a consolidação do processo ibero-americano, com o estabelecimento do diálogo estratégico entre a União Europeia e o Brasil, com o avanço nos acordos de associação com a América Central e com a Comunidade Andina, fazer uma identificação clara torna-se ainda mais importante das mais-valias de cada um desses processos, bem como das sobreposições e das complementaridades entre os processos.

Por exemplo, a cumplicidade linguística e cultural representa claramente um eixo de mais-valia no relacionamento multifacetado entre os Países ibéricos e a América Latina, e a Itália partilha uma afinidade cultural com este espaço geográfico, não só pelas redes históricas, mas pelas inúmeras comunidades italianas espalhadas por todo o espaço latino-americano, que conferem neste espaço latino-americano uma das características de multiculturalidade que o caracterizam. E ao mesmo tempo em que

se revela como um dos vectores históricos que contribuem para a multiculturalidade latino-americana, a Itália afirma-se igualmente como um parceiro para o presente e para o futuro, nomeadamente nas relações económicas e nas áreas científicas e tecnológicas, onde a Itália constitui um parceiro fundamental.

Mas ao mesmo tempo em que se evidenciam as potencialidades e as oportunidades de relacionamento entre a Europa e a América Latina, sobressaem também desafios complexos que envolvem interesses diversos e por vezes divergentes. A América Latina enfrenta hoje evidentes turbulências socio-económicas que produzem um reposicionamento das prioridades em vários Países. Julgo que estas turbulências nos obrigam a um maior investimento no diálogo para reposicionarmos as nossas prioridades de cooperação e para nos apoiarmos mutuamente face aos desafios da globalização.

Enquanto presidência da União Europeia, gostaria de referir aqui a importância que atribuímos ao relacionamento entre a União Europeia e a América Latina. Este relacionamento resulta em grande medida do empenho que os Governos de Portugal e de Espanha sempre mantiveram enquanto membros da União Europeia, para que aquele sub-continente não deixasse de ser um referente importante no relacionamento externo da União Europeia. É desde a nossa adesão às Comunidades Europeias em 1986 que nos esforçámos no sentido de estabelecer uma ponte entre a União Europeia e a América Latina.

Nós sabemos bem que para os outros Países europeus as nossas ligações históricas à América Latina representam um importante atributo para a própria Europa. E a Itália é, sem dúvida, um dos Países que mais entusiasticamente tem acolhido este vector do relacionamento externo da União Europeia. E é portanto com enorme satisfação que vemos a prioridade que a Itália atribui hoje ao seu relacionamento com a América Latina. Para além do valor intrínscico desta prioridade, confere também mais peso ao vector latino-americano da política externa europeia. É particularmente bem-vindo o

consistente empenho da Itália na promoção duma sociedade civil empenhada no processo de diálogo entre continentes (e isso retoma um ponto referido pelo senhor Paolo Bruni). Julgamos que este é um dos pontos em que temos de investir fortemente, para que o relacionamento entre a União Europeia e a América Latina cumpra as suas potencialidades.

Já foi referenciada a próxima Cimeira, dentro de breves semanas, da Comunidade ibero-americana, em Santiago do Chile, e que o tema central dessa cimeira é a coesão social. De facto, os Países da América Latina têm sido persistentemente marcados pelo flagelo da exclusão social e da distribuição desigual da riqueza. Com a escolha da coesão social como tema central, julgamos que aqui se encontra também uma forma de a comunidade ibero-americana se centrar num dos debates que são fundamentais para a globalização. E isto diz respeito, naturalmente, também à Europa e à União Europeia. Temos a obrigação, penso, enquanto europeus, de retirar todas as sinergias possíveis desta confluência de prioridades.

Como comunidade ibero-americana, temos pela frente um processo de consolidação interna e também um processo de afirmação externa. A convicção portuguesa é que se deve investir simultaneamente na consolidação interna desta comunidade ibero-americana e na sua projecção externa, ou seja na projecção externa duma dinâmica da Cimeira ibero-americana que permite que este agrupamento dê todo o seu contributo à governação global, o que é um dos grandes desafios do nosso tempo.

O mundo contemporâneo não nos permite o luxo de escolher entre a consolidação interna e projecção externa: não podemos fazer primeiro uma coisa e depois a outra. Pelo contrário, julgo até que os dois processos se reforçam mutuamente. É em essa encruzilhada em que estamos hoje, e julgo que a partir de Santiago de Chile, da próxima Cimeira, também se encontraram os caminhos para prosseguirmos tanto na consolidação interna como na afirmação externa.

Nós contamos com a Itália, neste processo de interrelacionamento entre o interno e o externo. E este é um processo que caracteriza tanto a Cimeira ibero-americana como a própria União Europeia. Ao olharmos para o exterior, compreendemos melhor a nossa realidade interna, e ao consolidarmos cada vez mais a nossa realidade intrínseca tornamo-nos mais relevantes como actores internacionais e como vozes decisivas para a governação global. O nosso papel na geopolítica variável das relações multilaterais contemporâneas depende sobretudo de nós próprios.

É por isso que quero terminar saudando as autoridades italianas pela manifesta vontade em assumir este desafio e contribuir para que o interface entre a Europa e a América Latina seja cada vez mais relevante, não só para estas nossas duas regiões, como também para o resto do mundo.

Muito obrigado.